

Deficiência visual atinge 35 mil alunos

Elson Soares

Pelo menos 35 mil alunos de escolas públicas, o que equivale a 10% do total de crianças e jovens matriculados na Fundação Educacional, têm problemas visuais que comprometem o rendimento escolar. Nos casos mais graves, como o de Glauber César Mendes 12 anos, da Escola Classe nº 25, na Ceilândia, não basta usar lentes de contato, sentar a um metro do quadro negro e levantar-se para ver, de perto, o que a professora escreveu. Os 15 graus de miopia em um olho e 3 graus em outro, são forte empecilho à aprendizagem normal.

A grande maioria, de acordo com estimativas da FEDF, não utiliza óculos ou lentes e acaba sendo reprovada seguidamente ou abandona os estudos. Glauber Mendes acredita que não escapará, este ano, de sua terceira reprovação na quarta série, enquanto a professora, Antônia Matilde de Oliveira, explica que o aluno tem grandes dificuldades, supreendendo-se com o fato de Gláuber ter chegado a esta série.

Letras grandes

Como Glauber e Elaine, Jane Costa da Silva, nove anos do Centro de Ensino nº 20, vem recebendo atenção especial dos professores que chegam a escrever, em seu caderno, a matéria lançada no quadro negro, porque ela não consegue enxergar para, depois, copiar. Eles não sabem se os óculos utilizados estão sendo adequados para o problema, já que, aparentemente, não eliminam sua deficiência. "Só consigo ler aqueles livros que têm letras grandes", explica.

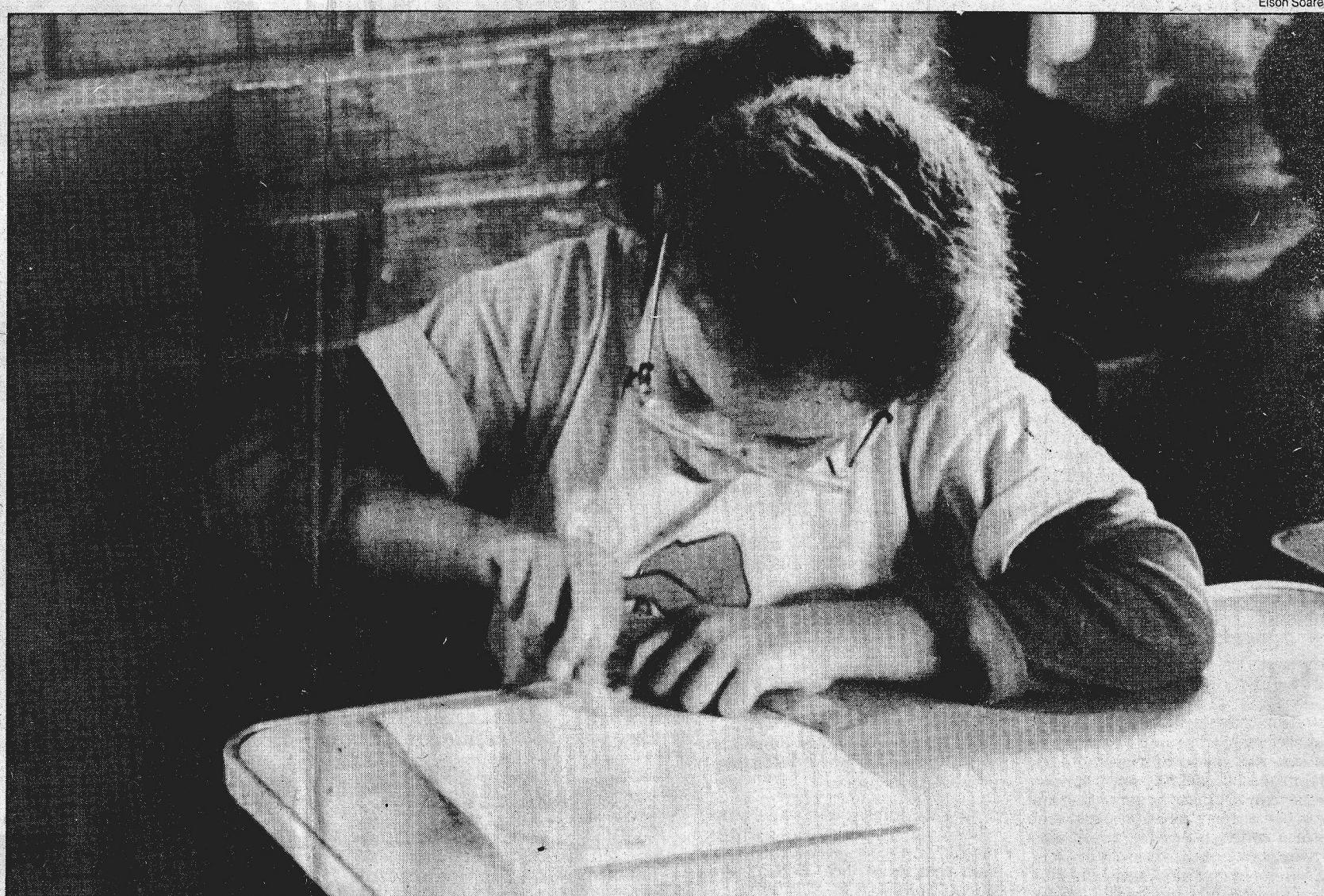
Na mesma sala, a aluna Fabrícia Teles de Albuquerque, dez anos, começa a identificar as vogais — uma etapa inicial da alfabetiza-

tização — depois de três anos neste ciclo. Sua deficiência soma-se a uma disritmia que compromete a coordenação motora e percepção geral. Já na sala de aula em frente, a aluna Sandra Alves Freitas, dez anos, com 9 graus de miopia em um olho e 12,5 graus em outro, vem se revelando como uma exceção. De acordo com a professora Maria Algelica Albernaz, a aluna está tirando boas notas, mas fica até 20 centímetros do quadro negro, para copiar a matéria.

Trauma

Vítima de convulsões quando ainda era recém-nascido, o que exigiu que fosse submetido a três cirurgias com menos de dois anos e comprometeu parte de sua visão, Gláuber teve que ser alfabetizado através de ensino especial. Sua mãe, Maria das Graças Mendes, funcionária do Hospital Regional da Asa Norte, não quer seguir a orientação da professora do filho e da direção da escola no sentido de encaminhá-lo novamente para turmas especiais, preferindo insistir na aprovação do garoto sob o argumento de "evitar um trauma maior". Ela teme vê-lo descontente em uma sala de aula "onde só há cegos, surdos e mudos". Para ela, a professora não está sendo paciente, como deveria ser em casos como o de Glauber.

Do total de 42 alunos de Antônia de Oliveira, seis têm problemas visuais evidentes. Para Antônia, eles não podem receber um atendimento dirigido, sob pena de prejudicar o aprendizado do restante da turma. Elaine Cristina de Lima, 11 anos, tem 4,5 e 5 graus de hipermetropia mas está, atualmente, sem óculos.



Fabrícia, 10 anos: somente agora ela começa a identificar as vogais. A deficiência visual compromete o rendimento escolar